



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

A análise dos eventos privados no behaviorismo radical à luz de Wittgenstein

João Henrique Lima Almeida¹; Wagner Teles de Oliveira²;

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: joaohlalmeida@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: woteles@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: anímico, interior, privado.

INTRODUÇÃO

É constante alvo de disputa, quando se trata de filosofia da psicologia, o estatuto do interior, e dele, não se pode dissociar sua abordagem prática. No preâmbulo da psicologia experimental, foi admitido um método pelo qual o indivíduo poderia apreender objetos privados através da auto-observação. Este, o *introspeccionista*. Como reação, o behaviorismo – que se expressou sob a face *metodológica, ontológica e lógica* – postulou a inacessibilidade do *mental*, sua irrelevância ou até mesmo sua inexistência. Para esta doutrina, de maior expressão nas obras de Watson (1913, 1925) e Skinner (1984, 2003, 2014), os eventos sob a pele seriam futuramente apreendidos em termos físicos e fisiológicos e, até lá, poderiam ser traduzidos em termos estritamente comportamentais.

A adoção por parte de Wittgenstein (2009, 2014), avesso à defesa de teses em filosofia, dum ângulo behaviorista, ensejou o desenvolvimento deste trabalho. Seria Wittgenstein um behaviorista disfarçado? (Cf. WITTGENSTEIN, 2009, §307). Dada a indagação, convém investigar se Wittgenstein, ao reconhecer as ficções gramaticais relativas a um *interior*, não esvazia este último. Convém também, avaliar a justeza da atribuição de behaviorismo a Wittgenstein, bem como a medida de sua crítica. A extensa exploração da linguagem pelo filósofo – responsável pelo que se convencionou chamar de virada linguística – ofereceu um rico campo de estudo e trouxe fecundos resultados que serão examinados a diante.

METODOLOGIA

O método de pesquisa em filosofia – no caso, filosofia da psicologia – consiste na leitura e escrita de textos segundo técnicas de exegese e de escrita que caracterizam a área. Assim, execução das atividades concernidas pelo plano de trabalho privilegiou o cotejo com as fontes primárias da pesquisa, sobretudo as *Investigações Filosóficas* e o *Ciência e Comportamento Humano*, sem se furtar à apreciação de fontes secundárias, textos de destacados comentadores (como António Marques, Hans-Johann Glock e João Carlos Salles), que se inscrevem na tradição de leitura das obras de Wittgenstein e o behaviorismo. Nesse sentido, o trabalho de pesquisa consistiu em duas etapas. Em uma primeira etapa, a da leitura, os textos indispensáveis à pesquisa serão cuidadosamente fichados. Em uma segunda etapa, a

da escrita, uma vez vencida a etapa da leitura, foi elaborado um texto monográfico gradativamente apresentado nas reuniões de nosso Grupo de Estudo e Pesquisa, de modo a permitir a apreciação dos resultados parciais da pesquisa por meio do debate das questões que ela envolve.

A participação das reuniões semanais de nosso Grupo constituiu um importante componente do método, pois permitiu ao bolsista, além de familiarizar-se com expedientes que são característicos da pesquisa na área, apresentar sistematicamente os resultados de sua pesquisa, perfazendo assim as condições para alcançar os resultados específicos do trabalho em filosofia.

DISCUSSÃO

A leitura detida das *Investigações Filosóficas* (2009), bem como dos *Últimos Escritos Sobre a Filosofia da Psicologia* (2014) resultou no esclarecimento do estatuto que Wittgenstein confere ao interior. Este, que anteriormente compreendia a linguagem enquanto logicamente isomorfa ao mundo – por isso, capaz de o figurar a *priori* – agora abandona o isomorfismo para identificar nas próprias contingências dos usos linguísticos o nascimento do *necessário*. Na análise destes usos, então, Wittgenstein descobre uma nova função, além da mera descrição, cumprida pela linguagem:

Como um ser humano aprende os significados dos nomes das sensações? Por exemplo, a palavra dor. Aqui está uma possibilidade: palavras são conectadas com as expressões de sensação primitivas e naturais e usadas em seu lugar. Uma criança se machuca e chora; então adultos falam com ela e a ensinam exclamações e, mais a diante, sentenças. Eles ensinam à criança um novo comportamento de dor. Dor significa chorar? Não. A expressão verbal da dor substitui o choro, não o descreve. (WITTGENSTEIN, 2009, §244) (Tradução nossa).

Neste trecho notamos o reconhecimento por Wittgenstein das formas expressivas da linguagem. Estas aparecem nos usos de primeira pessoa dos verbos psicológicos, como no caso do *sentir dor*, e não se traduzem meramente em termos comportamentais. Ou seja, o aprendizado do vocábulo se ancora em critérios exteriores, todavia, o locutor ao enunciar que está com dor não parte duma observação comportamental. Ele exterioriza uma vivência. Investigações desse tipo permitem Wittgenstein a localizar o anímico ou mental no domínio da lógica, em contrapartida às antigas noções destes adjetivos como metafísicos ou empíricos.

Esta nova compreensão distingue-se especialmente da abordagem skinneriana. Esta concebe o termo psicológico como equivalente semântico de uma expressão comportamental, portanto, a tradução do primeiro ao segundo pode ser realizada sem prejuízo. Quando, então, os eventos privados surgem na obra de Skinner, não se faz confusão entre estes e o interior. Malgrado seu caráter privado, estes eventos não são subjetivos, mas objetivos e ontologicamente comportamentais que, por incipiência ou acidente, residem em certas ocasiões apenas ao alcance da percepção da primeira pessoa.

CONCLUSÃO

A exploração, pois, do anímico e do interior em Wittgenstein pode ser muito bem compreendida como uma crítica ao behaviorismo. A abordagem comportamental possui grande préstimo como ponto de vista contribuinte ao esclarecimento gramatical, no entanto, ao converter-se em doutrina, recai em ficções da mesma ordem, ainda que em conteúdos distintos. Desautorizar ao interior a capacidade de realizar atos de nomeação e significação

não correspondeu, em Wittgenstein, a excluí-lo do campo do sentido. Com efeito, esta concepção de interior não admite um anímico de acesso privilegiado à primeira pessoa. Por outro lado, o anímico está regularmente manifesto nas formas expressivas da linguagem e, a partir desta, é possibilitada sua estruturação.

REFERÊNCIAS

- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MARQUES, Antônio. **O interior: Linguagem e Mente em Wittgenstein**. Editora Loyola, 2017.
- SALLES, João Carlos. **O Cético e o Enxadrista**. Salvador: Editora Quarteto, 2012.
- SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SKINNER, Burrhus Frederic. **Verbal Behavior**. Cambridge: B. F. Skinner Foundation, 2014.
- SKINNER, Burrhus Frederic. **The Operational Analysis of Psychological Terms**. *The Behavioral and Brain Sciences* 7, pp. 547-581, 1984.
- WATSON, John B. **Clássico traduzido: a psicologia como o behaviorista a vê**. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 289-301, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 maio 2019.
- WATSON, John B. **Behaviorism**. West Press, 2008.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. [**Philosophische Untersuchungen**. English] **Philosophical investigations** / Ludwig Wittgenstein ; Blackwell Publishing, 2009
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Últimos Escritos Sobre a Filosofia da Psicologia**. 2ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2014.